

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SILVIO LUIZ CEZAROTTO FILHO

**CAPITAL INTELECTUAL: CONCEITUANDO AS CAPACIDADES OCULTAS DE
UMA ORGANIZAÇÃO**

CURITIBA

2016

SILVIO LUIZ CEZAROTTO FILHO

**CAPITAL INTELECTUAL: CONCEITUANDO AS CAPACIDADES OCULTAS DE
UMA ORGANIZAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Controladoria, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Msc. Akichide Walter Ogasawara

CURITIBA

2016

*Para Yasmin Gabriela Cezarotto,
alegria na vida do tio e de todos ao seu redor.*

RESUMO

A Contabilidade é uma ciência de suma importância para o mundo. Respeitada por ser uma das ciências mais antigas, por existirem fragmentos de diversas civilizações antigas que realizavam esboços de técnicas contábeis. A ciência contábil tornou-se um ótimo instrumento de informações para a sociedade, possuindo um leque enorme de usuários, entende-se que a Contabilidade é uma atividade fundamental na vida econômica. A partir do contexto apresentado o problema da pesquisa desta monografia será de investigar como conceituar o capital intelectual das organizações. Na era atual a tecnologia é um dos fatores predominantes, as empresas detêm um elemento diferenciado que chama a atenção de diversos autores, pesquisadores e gestores. A proposta deste trabalho é abranger os componentes do capital intelectual de uma organização, avaliar e conceituar o capital intelectual por meio de bibliografias e estudos pertinentes ao tema. No aspecto de metodologia científica para este trabalho utilizou-se pesquisa bibliográfica. O resultado obtido é gerencial e subjetivo, porém não permite descartar que o capital intelectual é importante para a organização e pode explicar um grande fragmento da lacuna contábil e o valor de mercado de uma empresa.

Palavras chave: Contabilidade, Capital Intelectual, Tecnologia.

ABSTRACT

Accounting is a science of great importance to the world. Respected for being one of the oldest sciences, because there are several fragments of ancient civilizations who performed accounting techniques sketches. The accounting and became a great tool for information to society, having a huge range of users, it is understood that the accounting is a fundamental activity in economic life. From the context presented the research problem of this paper is to investigate how to conceptualize the intellectual capital of organizations. In the present era technology is one of the predominant factors, firms have a distinctive element that draws the attention of many authors, researchers and managers. The purpose of this study is to cover the components of the intellectual capital of an organization, evaluate and conceptualize the intellectual capital through bibliographies and studies relevant to the topic. In the aspect of scientific methodology for this study it was used literature. The result is managerial and subjective, but does not rule out that intellectual capital is important to the organization and can explain a large fragment of the accounting gap and the market value of a company.

Keywords: Accounting, Intellectual Capital, Technology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Representação gráfica do capital intelectual.....	21
FIGURA 02 – Cronologia das publicações sobre capital intelectual.....	22
FIGURA 03 – Estrutura do capital intelectual.....	37

SUMÁRIO

1 DADOS INTRODUTÓRIOS AO PROJETO	8
2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA	9
3 OBJETIVOS	10
3.1 OBJETIVO GERAL.....	10
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4 JUSTIFICATIVA TEMÁTICA	11
5 METODOLOGIA	13
5.1 MÉTODO DE ABORDAGEM.....	13
5.2 TÉCNICAS DE PESQUISA	13
6 REFERENCIAL TEÓRICO	15
7 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	18
7.1 PREMISSAS DO CAPITAL INTELECTUAL	19
7.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CAPITAL INTELECTUAL.....	21
7.3 IDEALIZADORES DO CAPITAL INTELECTUAL	25
7.4 TENDÊNCIAS DO CAPITAL INTELECTUAL.....	26
7.5 OBJETIVOS E PRINCÍPIOS BÁSICOS DO CAPITAL INTELECTUAL.....	30
7.6 PILARES DO CAPITAL INTELECTUAL.....	32
7.7 LIMITAÇÕES CONTÁBEIS ACERCA DO CAPITAL INTELECTUAL	37
7.8 ABRANGÊNCIA DO ESTUDO	40
8 ASPECTOS CONCLUSIVOS DO ESTUDO	43
9 O ALCANCE DOS OBJETIVOS DA PESQUISA	44
9.1 ATINGIMENTO DA QUESTÃO DA PESQUISA.....	44
9.2 ATINGIMENTO DO OBJETIVO ESPECÍFICO E OBJETIVOS GERAIS.....	45
9.3 LIMITAÇÕES OBSERVADAS NO DECORRER DO ESTUDO.....	47
9.4 CONCLUSÃO.....	47
9.5 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1 DADOS INTRODUTÓRIOS AO PROJETO

Projeto de monografia apresentada pelo aluno Silvio Luiz Cezarotto Filho, cursando a especialização de Controladoria na Universidade Federal do Paraná. O projeto está inserido na linha temática de análise das demonstrações financeiras voltadas para uma análise gerencial.

De acordo com Ferrari (2012, p. 33) o objetivo da análise das demonstrações contábeis é de decomposição, comparação e interpretação das demonstrações por meio de indicadores, com a finalidade de avaliar o perfil econômico, financeiro, patrimonial e de desempenho da entidade.

Quanto à necessidade da análise Ferrari (2012, p.34) define que mesmo não sendo exigida por lei, a análise das demonstrações é essencial para que se possa diagnosticar a situação econômica, financeira e patrimonial de uma entidade.

Para a FIPECAFI (2013, p.41) “A informação contábil-financeira é capaz de fazer diferença nas decisões se tiver valor preditivo, valor confirmatório ou ambos”.

Deste modo, através de análise das demonstrações financeiras, conceituando a uma visão gerencial, este projeto irá explorar o Capital Intelectual de uma empresa de maneira conceitual, e o que significa este valor oculta de acordo com diversos autores.

2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

Segundo Cassapo (2004), o principal diferencial competitivo das organizações não reside mais apenas no gerenciamento de seus ativos tangíveis, mas principalmente, no gerenciamento dos ativos intangíveis, como o capital intelectual. Quais as principais definições teóricas dos autores estudados nesta monografia para conceituar o capital intelectual?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Descrever os aspectos principais concernentes ao capital intelectual.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar o capital intelectual;
- Identificar a composição do capital intelectual;
- Identificar as tendências do capital intelectual;
- Evidenciar quais são os princípios e objetivos básicos do capital intelectual;

4 JUSTIFICATIVA TEMÁTICA

Ao observar o valor das empresas e compará-las ao valor que o mercado está disposto a pagar em caso de descontinuidade, pode-se notar dificuldade em mensurar com precisão. Alguns autores concordaram em chamá-lo de *goodwill* o fato que implica na diferença do valor contábil ao valor de mercado, porém este estudo não irá denominá-lo assim, e tão pouco será subjetivo quanto à descontinuidade (conforme orienta o conceito de *goodwill*), visto que as empresas devem ser avaliadas com relatórios confiáveis e em continuidade¹.

A preocupação do estudo é de conceituar Capital Intelectual por meio do estudo de diversos autores, como a Contabilidade expressa por meio de estudiosos renomados como Iudícibus, Lopes de Sá, Pacheco, Antunes, entre outros, alguma maneira conceituar este agente intangível.

Iudícibus (2004), o que se espera em relação ao capital intelectual, ainda que em sua apropriação e seus relatórios sejam caracterizados com um grau maior em liberdade, é que exista um determinado nível de uniformidade na sua apropriação.

Corroborando com a assertiva de Pacheco autor diz: “é necessário que estudos futuros sejam desenvolvidos no sentido do estabelecimento de categorias empresariais e do estabelecimento de objetos, aspectos, medidas e indicadores passíveis de ser apropriados e comparados entre estas categorias (IUDÍCIBUS, 2004 *apud* PACHECO, 2005, p. 79).

O autor informa a importância do capital intelectual, porém impõe que se deve estabelecer um critério detalhado aceito para diferentes organizações, para acompanhamento, controle e comparabilidade destes dados.

Este estudo pretende enriquecer esse tema, pois esta visão se torna realmente importante para a classe contábil e todos os interessados, conforme Antunes (2000) existe urgência por parte da Contabilidade em considerar determinados ativos intangíveis na mensuração do real valor da empresa, e isso para ser senso comum.

Um dos primeiros estudiosos sobre o capital intelectual das organizações foi Karl E. S. Com uma publicação em 1986, chamada de “*The Know-How Company*”, a qual tratava da percepção dos ativos intangíveis e sua relevância para o patrimônio das entidades. Desde então na década de 90, diversos autores passaram a observar com maior

¹ (FIPECAFI, 2010 p.37).

atenção o impacto deste item dentro das companhias, um dos especialistas que dedicou pesquisas e diversas matérias sobre o tema chama-se Stewart, em sua obra de 1998 (Capital Intelectual), afirma que grandes empresas com saúde financeira evidente, não se tornaram grandes por possuírem mais ativos ou tecnologias que as concorrentes, e sim, por possuírem um capital intelectual diferenciado, que se tornam mais valiosos que qualquer ativo financeiro ou físico.

5 METODOLOGIA

5.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

Explorar bibliografias importantes que tratam especificamente sobre o capital intelectual e seus padrões conceituais.

É de extrema importância demonstrar a metodologia científica no sentido de estruturar o plano e a estrutura, podendo assim corresponder à expectativa de resolução do problema da pesquisa. O conhecimento científico precede o conhecimento empírico dos fatos para procurar conhecer a realidade além de suas aparências superficiais, conforme Fachin (2001).

Portanto, com relação ao problema estabelecido no disposto projeto, a pesquisa constitui-se de leitura de livros, periódicos, artigos, trabalhos listados na internet, dissertações e informativos relacionados ao tema estudado, sendo classificado esta etapa como pesquisa bibliográfica.

Após identificar teorias e conceitos, através da revisão do material bibliográfico, pôde-se realizar análise e levantamento dos resultados satisfatórios. Conceituando assim dentro de uma forma de pesquisa aplicada, que tem por finalidade ser objetiva em gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos (GIL, 1997, p.42). Quanto aos fins de acordo com os conceitos explanados pela autora citada acima, esta pesquisa tem característica descritiva, e tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar os motivos, visa, portanto, descrever e conceituar o tema de estudo.

5.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

A técnica utilizada na pesquisa será através de revisões e entendimento de estudos já realizados acerca do tema, estabelecendo uma metodologia voltada para descrever da melhor maneira possível explorando a proposta.

Por ser um trabalho conceitual irá seguir a seguinte técnica de pesquisa: Pesquisa básica e pesquisa aplicada.

Para as finalidades de resolução do problema e cumprimento do objetivo estabelecido, utilizar-se á as seguintes maneiras de pesquisa: Exploratória, explicativa, metodológica, de campo, bibliográfica, experimental. De acordo com Gil (1997), uma pesquisa pode ter mais de uma finalidade simultaneamente.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica consiste em definir os termos, a base e as versões bibliográficas que serão aprofundadas no decorrer do estudo.

Capital intelectual das organizações tornou-se desafio contagiante pelo qual os analistas envolvidos buscam desmembrar.

Muitos métodos foram estudados, e até então, não existe um que valha como modelo universal, e a contabilidade na era do conhecimento, buscando acompanhar a evolução dos segmentos, principalmente pela constante evolução da tecnologia, ainda sente insegurança em concretizar alguma forma racional que seja padrão para todos no que diz respeito ao intangível mais valioso da corporação (STEWART, 1998).

Para compor os chamados Pilares do Capital Intelectual, (STWEART, 1998). Além do capital humano, existe o capital estrutural e de clientes.

Quanto ao capital humano, que de acordo com Padoveze (2000) é gerado e operacionalizado pelo ser humano, acumulado e administrado pela sociedade para satisfação de suas necessidades. As empresas e demais instituições, que são sociedade de pessoas com objetivos bem definidos, fazem o papel de reunir e operacionalizar especialidades de conhecimento e com isso conseguem maior eficiência e eficácia na gestão do conhecimento, para atender seus objetivos e cumprir suas missões.

A contabilidade precisa acompanhar a era do conhecimento, conforme Toffler (1980) “Esta fase é caracterizada pelo poder do cérebro, na qual a informação assume o papel de principal recurso econômico”, contudo o conhecimento humano cria o produto competitivo, agrega valor a marca, e deve ser reconhecido. Corroborando para Paiva (1999) “o conhecimento passou a representar um importante diferencial competitivo, para as empresas que sabem adquiri-lo, mantê-lo e utilizá-lo de forma eficiente e eficaz. Esse conhecimento passou a gerar o Capital Intelectual que, às vezes, é bem mais importante que o Capital Econômico”.

Capital estrutural em resumo, citando Pacheco (2005), é o responsável por auxiliar o capital humano a desenvolver seus trabalhos e gerar valor. Além do autor defini-lo como capital organizacional em seu livro cita que: O capital organizacional (estrutural) é a espinha dorsal da própria empresa, que envolve sua capacidade organizacional, incluindo planejamento administrativo, sistemas de controle, processos funcionais, políticas e até mesmo sua cultura (PACHECO, 2005, p.55).

Para complementar o capital de clientes. Kraemer (2005), define o capital do cliente da seguinte maneira: “É definido como valor de sua marca, seus relacionamentos contínuos com pessoas e organizações para as quais vende”. Incrementando Sveiby (1998) diz: “O tipo de cliente com os quais a empresa se relaciona, determina tanto a qualidade quanto a quantidade de suas receitas intangíveis do conhecimento”, e segundo ele, os clientes se dividem em três categorias. Os que melhoram a imagem da empresa, os clientes que melhoram a organização, e os clientes que aumentam a competência da companhia.

De acordo com Pacheco (2005) o termo capital intelectual, foi desmistificado por Thomas Stewart (1994) em uma obra que recebeu esta nomenclatura. Porém a literatura é muito vasta sobre o primeiro pioneiro a contribuir com conhecimentos e nome para o assunto abordado. Sabe-se que no começo dos estudos sobre os intangíveis e, conseqüentemente, a respeito do capital intelectual, pesquisadores definiram como sendo “a diferença entre o valor de mercado e o valor contábil das ações”, definição esta que condiz de modo estrito, ao conceito de *Goodwill* (PFEIL 2003 *apud* PACHECO, 2005 p.34). Posteriormente estudos apontaram a diferenciação que norteia sobre o capital intelectual e *Goodwil* sendo que esta diferença entre o valor de mercado e o valor de seus ativos sofre alterações conforme o mercado e outros ambientes, como economia e governo. Segundo Stewart (1998) *apud* Schnorrenberger (2003) tal modelo demonstra suas falhas quando há variações no mercado e cita um exemplo apontando alterações em taxas de juros (determinadas pelo poder público) e com isso ocorre diminuição do valor das ações no mercado em 30%, por consequência disto, pode-se afirmar que o Capital Intelectual sofreu diminuição em seu valor? Outro exemplo citado é quando uma empresa é comercializada abaixo do seu valor contábil, isso significaria que ela não tem valor intangível? Após esses estudos, pode-se perceber claramente a diferença entre os dois intangíveis.

Buscando maior entendimento em conceituar capital intelectual, muitos pensadores usam metáforas: [...] consideram a parte visível como tronco, galhos e folhas ao que está descrito em organogramas, nas demonstrações contábeis e em outros documentos; e a parte que se encontra abaixo da superfície, no sistema de raízes, ao capital intelectual que são os fatores dinâmicos ocultos que embasam a empresa visível formada por edifícios em produtos (EDVINSSON, MALONE, 1998 *apud* ANTUNES, 2000, p.28). Associando esta visão, é possível utilizar-se de comparabilidade, as raízes são enxergadas como capital intelectual, contudo, tornam-se o alicerce da árvore, desta forma como uma

árvore não é formada sem raízes, as empresas não podem suportar sua estrutura sem capital intelectual.

Desta forma, observa-se a importância em mensurar, avaliar e evidenciar o capital intelectual da organização. Diante desta relevância o tema é um desafio para a classe contábil.

Um dos conceitos mais claros sobre capital intelectual fomentado por EDVINSOON, MALONE, 1998 *apud* ANTUNES, 2000, p.28 “é um conjunto de informações encontradas ou desenvolvidas nas organizações, dizendo assim que o capital intelectual é gerado nas empresas com o intelecto das pessoas além do próprio capital humano”.

7 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Sobre a concepção de Pacheco (2005, p. 48) argumenta-se que a maior parte do capital intelectual das empresas está atada aos saberes individuais e às formas de relacionamento interpessoais.

Diz ainda que “desse modo, dada à importância de administrar com sucesso o capital intelectual, a contabilidade também está sendo desafiada a mensurar novas abordagens para a mensuração do desempenho que preservem a qualidade do gerenciamento”. (PACHECO, 2005, p. 48).

De acordo com Edvinsson e Malone (1998, p. 3) “Realmente, a nova fonte de riqueza não é de natureza material, mas consiste de informação, de conhecimento aplicado, para criar valor”.

Devido tal importância, a classe contábil começou a pronunciar-se a partir de 1991² através do Instituto Americano de Contadores Públicos (AICPA) onde, formou-se um Comitê Especial sobre Demonstrativos Financeiros para atender à preocupação crescente a respeito da relevância do preparo e da divulgação ortodoxos dos relatórios financeiros para a economia moderna.

E de acordo com Edvinsson e Malone (1998) três anos mais tarde, este Comitê emitiu seu parecer apontando um número significativo de áreas que necessitavam de aperfeiçoamentos.

Percebeu-se então que as inovações tecnológicas exercem grande influência no capital intelectual das organizações.

"Atualmente qualquer organização, se realmente esperam sobreviver e florescer neste milênio deve cultivar as inovações tecnológicas como um importante segmento de seu capital intelectual". (LYNN, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p. 51).

Conforme apontado por Nonaka e Takeuchi (1997) o sucesso das organizações depende da criação do conhecimento organizacional, ou capacidade da organização criar um novo conhecimento. Difundi-lo na organização e ainda incorporá-lo a seus produtos, serviços e sistemas.

O capital intelectual pode ser uma nova teoria, mas, na prática, está presente há anos como uma forma de bom senso. Sempre se esgueirou aquele valor resultante do

² EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 6.

quociente entre o valor de mercado de uma empresa e seu valor contábil. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 11).

Ainda nesta linha de raciocínio os autores afirmam que: “até recentemente, sempre supôs-se que essa diferença fosse um fator inteiramente subjetivo [...] que jamais poderia ser medido empiricamente. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 11).

O reconhecimento desta nova realidade empresarial está forçando a emergência de um novo equilíbrio, em que o passado é computado levando-se em conta o futuro, e os aspectos financeiros são influenciados pelos não-financeiros – o Capital Intelectual. (EDVINSSON E MALONE, 1998).

7.1 PREMISSAS DO CAPITAL INTELECTUAL

Uma das melhores maneiras de interpretar o capital intelectual é através da metáfora proposta por Edvinsson e Malone (1998, p. 9). Onde:

Se considerarmos uma empresa como um organismo vivo, digamos uma árvore, então o que é descrito em organogramas, relatórios anuais, demonstrativos financeiros trimestrais, brochuras explicativas e outros documentos constitui o tronco, os galhos e as folhas. O investidor inteligente examina essa árvore em busca de frutos para colher. Presumir, porém, que essa é a árvore inteira, por representar tudo que seja imediatamente visível, é certamente um erro. Metade da massa, ou o maior conteúdo dessa árvore, encontra-se abaixo da superfície, no sistema de raízes.

Para complementar esta teoria, os autores afirmam que isso é o que torna o capital intelectual tão valioso – o estudo das raízes de uma empresa, a mensuração dos fatores dinâmicos ocultos que embasam a empresa visível formada por edifícios e produtos. (Edvinsson e Malone, 1998, p. 10).

Associando esta visão, é possível utilizar-se de comparabilidade, as raízes são enxergadas como capital intelectual, contudo, tornam-se o alicerce da árvore, desta forma como uma árvore não é formada sem raízes, as empresas não podem suportar sua estrutura sem capital intelectual.

Desta forma, observa-se a importância em mensurar, avaliar e evidenciar o capital intelectual da organização. Diante desta relevância o tema é um desafio para a classe contábil.

Um dos conceitos mais claros sobre capital intelectual fomentado por (EDVINSSON e MALONE, 1998 *apud* ANTUNES, 2000, p. 28) “é um conjunto de informações encontradas ou desenvolvidas nas organizações, dizendo assim que o capital intelectual é gerado nas empresas com o intelecto das pessoas além do próprio capital humano”.

Ao desmembrar o capital intelectual, observa-se 03 (três) fatores que envolvem acerca do mesmo, segundo Stewart (1998, p. 67):

Capital humano: Confundido por muitos analistas, como o próprio capital intelectual, porém é parte do mesmo, sendo o conhecimento, expertise, poder de criar e inovar, habilidades dos empregados, cultura e princípios da entidade.

Capital estrutural: Equipamentos necessários para a operação da corporação, banco de dados, pesquisas de mercado, marcas registradas e outros elementos necessários para a produtividade dos empregados.

Capital de clientes: Corresponde ao relacionamento que a empresa possui com seus clientes e o ambiente que oferece para diferenciar os clientes de sua marca.

Sendo assim, o capital intelectual trata-se do investimento da empresa para que a capacidade dos setores envolvidos em criação de intelecto, e com isso volta-se esforço para um novo bem ou produto combinado com o talento, em virtude de buscar diferenciação e reconhecimento favorável no mercado.

Sveiby (1998, p.2) aduz que a parte invisível do balanço patrimonial consiste em três grupos [...], sendo: Competência do funcionário, estrutura interna, estrutura externa.

O autor afirma que para gerenciar ou avaliar o capital intelectual deve-se:

Ver uma organização como uma organização do conhecimento, isto é, ver a empresa do ponto de vista do conhecimento, vê-la como composta única exclusivamente por conhecimento no sentido mais amplo e ver que cabe ao gerente desenvolver e gerenciar esse conhecimento. É necessária uma perspectiva especial para separar o tangível e relevar aquilo que, por definição, é a essência de uma organização do conhecimento.

Na concepção de Antunes (2000), a filosofia do capital intelectual sugere perceber e captar de forma mais ampla suas mensagens, não se tratando de ser romântico ou menos racional, mas de se permitir enxergar além do que os números atualmente mostram.

"Mesmo porque, ao contrário do que poderiam pensar os mais céticos, o Capital Intelectual é informado por números". (ANTUNES, 2000, p 94).



Figura 01: Representação gráfica do capital intelectual.

Fonte: Edvinsson e Malone (1998, p. 39).

7.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CAPITAL INTELECTUAL

De acordo com Pacheco (2005) o termo capital intelectual, foi desmistificado por Thomas Stewart (1994) em uma obra que recebeu esta nomenclatura. Porém a literatura é muito vasta sobre o primeiro pioneiro a contribuir com conhecimentos e nome para o assunto abordado. Sabe-se que no começo dos estudos sobre os intangíveis e, conseqüentemente, a respeito do capital intelectual, pesquisadores definiram como sendo “a diferença entre o valor de mercado e o valor contábil das ações”.

Com objetivo de atingir a cadeia de pensadores acerca do tema em ordem cronológica, Pacheco (2005) demonstra:

1967	Likert publica o seu livro <i>"The Human Organization: Its Management and Value"</i> .
1974	Flamholtz publica o seu livro <i>"Human Resource Accounting"</i> , considerado um marco por pesquisadores da área de capital intelectual.
1980	Itami publica <i>"Mobilizing Invisible Assets"</i> em japonês.
1981	Hall estabelece companhia para comercializar pesquisas sobre valores humanos.
1985	Flamholtz publica a segunda edição do seu livro <i>"Human Resource Accounting"</i> , incluindo aspectos de mensuração e divulgação de ativos humanos.
1986	Sveiby publica <i>"The Know-How Company"</i> sobre gerenciamento de ativos intangíveis.
Abril, 1986	Teece publica um trabalho seminal sobre a extração de valor da inovação.
1988	Sveiby publica <i>"The New Annual Report"</i> , introduzindo o "capital de conhecimento".
1989	Sveiby publica <i>"The Invisible Balance Sheet"</i> .
Verão 1989	Sullivan inicia pesquisas sobre "comercialização da inovação".
Outono, 1990	Sveiby publica <i>"Knowledge Management"</i> .
Outono, 1990	O termo "capital intelectual" é cunhado na presença de Stewart.
Janeiro, 1991	Stewart publica o primeiro artigo sobre <i>"Brainpower"</i> na revista <i>Fortune</i> .
Setembro, 1991	A Skandia estabelece a primeira função corporativa de CI, e nomeia Edvinsson como vice-presidente.
Primavera, 1992	Stewart publica o artigo <i>"Brainpower"</i> na <i>Fortune</i> .
1993	St. Onge estabelece o conceito de Capital de Clientes.
Julho, 1994	Ocorreu a primeira reunião do Grupo de Mill Valley.
Outubro, 1994	Stewart escreve "Capital intelectual", artigo de capa na revista <i>Fortune</i> .
Novembro, 1994	Sullivan, Petrash e Edvinsson decidem coordenar uma reunião de gerentes de CI.
Maio, 1995	Primeiro relatório público da Skandia sobre CI.
1995	Monti-Belkaoui e Riahi-Belkaoui publicam o livro <i>"Human Resource Valuation: a guide to strategies and techniques"</i> .
Setembro, 1996	É publicado o livro de Sullivan e Parr, <i>"Licensing Strategies"</i> .
Outubro, 1996	Lev funda a <i>Intangibles Research</i> na New York University.
1996	Tinoco defende, junto à USP, a tese "Contribuição ao estudo da contabilidade estratégica de recursos humanos", sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio de Iudicibus.
Março, 1997	Sveiby publica <i>"The New Organizational Wealth"</i> .
Março, 1997	É publicado o livro de Edvinsson e Malone, <i>"Intellectual Capital"</i> .
Abril, 1997	É publicado o livro de Stewart, <i>"Intellectual Capital"</i> .
Março, 1998	É publicado o livro de Sullivan <i>"Profiting from Intellectual Capital"</i> .
1998	DZINKOWSKI publica o artigo <i>"The measurement and management of intellectual capital: an introduction"</i> , patrocinado pela International Federation of Accountants – New York/USA.
Julho, 2000	Livro de Jac Fitz-enz <i>"The Rol of Human Capital: Measuring the Economic Value of Employee Performance"</i> .
Maio, 2001	Livro de Baruch Lev <i>"Intangibles – Management, Measurement, and Reporting"</i> .
Fevereiro, 2004	Publicado o artigo <i>"Clear Advantage: Building Shareholder Value"</i> pela <i>Global Environmental Management Initiative – Washington/D.C./USA</i> .

Figura 02: Cronologia das publicações sobre capital intelectual.

Fonte: Pacheco (2005, p. 169).

Segundo Edvinsson e Malone (1998), no ano de 1994 um grupo pioneiro de diversos setores econômicos, acadêmicos e de análise de políticas reuniu-se para iniciar a busca da "combinação correta" do capital intelectual.

Afirma-se ainda, que o foco principal deste trabalho era a crença de que a maior parte, ou mesmo a totalidade, do capital intelectual de uma empresa poderia de alguma forma ser visualizado.

Acreditava-se que os indicadores corretos pudessem ser descobertos, por meio de tais indicadores, calcular, e apresentar de forma adequada o capital intelectual, e que ainda, pudesse ser evidenciado em uma base firme, objetiva e comparativa do capital financeiro³.

Segundo os autores, as questões iniciais abordadas nas reuniões foram às seguintes: “A linguagem gerencial existente valoriza o conhecimento como um recurso essencial para a criação de valor e riqueza? Quais são os indicadores significativos da prosperidade futura de uma empresa? Como iremos valorizar e mensurar o Capital Intelectual?” (EVINSSON E MALONE, 1998, p. 14).

Tal foi o sucesso deste grupo de pesquisadores que em outubro de 1994 a revista *Fortune* publicou um artigo de capa, com o seguinte tema: “O Ativo Mais Valioso de Sua Empresa: O Capital Intelectual”, o qual serviu como um aviso para as empresas em geral de que a era do Capital Intelectual havia começado a ser desmistificada.

Thomas Stewart foi o porta voz responsável pelo artigo, e de acordo com Edvinsson e Malone (1998), interessado no gerenciamento de capital intelectual apontou suas próprias conclusões:

“Em primeiro lugar, o conhecimento pode ser intangível, mas isso não significa que não possa ser medido. Os mercados medem. Wall Street cota as ações de empresas de alta tecnologia com um ágio superior sobre o valor contábil do que o atribuído às ações pertencentes a setores com tecnologia madura. Ela também reage, geralmente com preços elevados, a anúncios de maiores gastos com P & D. Os mercados de trabalho também atribuem um valor ao conhecimento – para a maioria das pessoas, o salário correlaciona-se melhor com o QI do que com a habilidade de realizar exercícios físicos. Em segundo lugar, isso não é apenas um exercício. Os guardiões dos padrões contábeis estão certos em temer a inclusão de dados não-provados e idiossincráticos nos relatórios das corporações. Mas os dados são de vital importância.”

Aproveitando a assertiva, a ocasião do reconhecimento da importância do capital intelectual frequentemente faz com que uma organização execute uma mudança de paradigma em sua mentalidade, já que seus elementos de capital humano, relacional e estrutural podem despertar a companhia para novas ideias, que não eram tão evidentes anteriormente. (PACHECO, 2005, p.56).

³ EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 14.

Corroborando com as contribuições históricas de autores que identificaram uma maneira de ilustrar as questões principais e *insights* associados ao desafio de sua conexão com a contabilidade, (ROSLENDER; FINCHAM, 2001 *apud* PACHECO, 2005, p. 56), existem três importantes opiniões a respeito do assunto:

A primeira de Edvinsson e Malone (1998), em que a contabilidade deve se importar com a mensuração e evidenciação, pois: “é intimamente justificada pela experiência na esfera de administrar em um ambiente no qual o capital intelectual é prevalente”.

A segunda, Lynn (2000), afirmava que: “o status de tecnologia de gerenciamento do capital intelectual está parcialmente desenvolvido”. (ROSLENDER; FINCHAM, 2001 *apud* PACHECO, 2005, p. 56).

A terceira do autor Mouritsen (1998), fornecendo uma visão para a contabilidade com ênfase na orientação aos contabilistas quanto á emergência do capital intelectual, no qual reconheceu o capital humano como uma parte integrante deste e:

“Diferente do capital organizacional (estrutural), não pode ser possuído pela organização e, conseqüentemente, é necessário assegurar que o estoque de capital humano de uma organização seja eficientemente administrado de forma a reproduzir, e idealmente aumentar, o capital intelectual da empresa e sua vantagem competitiva”. (ROSLENDER; FINCHAM, 2001 *apud* PACHECO, 2005, p. 57).

O verdadeiro avanço nas pesquisas sobre o Capital Intelectual ocorreu em maio de 1995, quando a *Skandia*, a maior companhia de seguros e de serviços financeiros da Escandinávia, após muitos anos de trabalho interno pioneiro, emitiu o primeiro relatório anual público sobre Capital Intelectual, apresentado como suplementar ao relatório financeiro. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p.15).

Esta nova taxonomia contábil, como foi denominada na época, inspirou este trabalho acadêmico, pois os relatórios apresentados pela equipe de Leif Edvinsson, o primeiro executivo no mundo a ocupar o cargo de diretor corporativo de Capital Intelectual, proporcionam de forma sustentável uma maneira de mensurar e identificar os valores de capital humano, capital estrutural e outros componentes que formam o Capital Intelectual.

7.3 IDEALIZADORES DO CAPITAL INTELECTUAL

De acordo com Pacheco (2005) à medida que cresceu a complexidade do campo de atuação das empresas cresceu também a importância da divulgação de conhecimentos, e a lógica da geração de valor tem sido mais complexa.

Logo percebeu-se que fatores ocultos e dinâmicos que afetam o patrimônio da empresa, deveriam ser melhor estudados.

Desta forma, a relevância de se divulgar informações relativas aos recursos de conhecimento em uma companhia também tornou-se cada vez mais evidente, e cada vez existem menos limites para as informações corporativas. (GRANT, 1996 *apud* PACHECO, 2005, p. 106).

Na concepção de Stewart (1998, p. XIII) “o capital intelectual constitui a matéria intelectual – conhecimento, informação, propriedade intelectual, experiência – que pode ser utilizada para gerar riqueza”.

Um dos principais defensores do tema, Thomas Stewart iniciou sua associação com o capital intelectual quando, como colaborador da revista *Fortune*, ele escreveu um breve artigo sobre novas ideias em negócios. (PACHECO, 2005, p. 174).

Ainda de acordo com Pacheco (2005), outro autor que corroborou para as pesquisas a respeito do tema, foi Karl-Erik Sveiby, sendo o fundador do primeiro “Movimento Sueco” em gerenciamento do conhecimento e capital intelectual. E em 1986, publicou seu primeiro livro no qual explorou como gerenciar o conhecimento de companhias.

Uma das muitas pessoas inspiradas pelos conceitos de Sveiby foi Leif Edvinsson, responsável por produzir o primeiro suplemento anual sobre o capital intelectual em 1995.

Leif Edvinsson, quando diretor corporativo de capital intelectual na *Skandia AFS*, uma seguradora sueca, foi responsável pela criação de maneiras de descrever o que chamava-se de “valores ocultos”, assim foi gerado o modelo de gerenciamento de capital intelectual para a empresa.

Com este porta voz a empresa já emitiu mais de seis suplementos aos seus balanços anuais, delineando o capital intelectual, empregando ainda outras formas pelas quais esse valor oculto é utilizado em benefício dos seus clientes e dos seus acionistas. (PACHECO, 2005, p. 173).

O autor Marion (2012) defende que o capital intelectual é um capital não financeiro, que representa a lacuna entre o valor de mercado e o valor contábil, idêntico ao conceito de *Goodwill* em determinado momento. Porém, a visão contábil do *Goodwill* é temporal e limitada enquanto que a de capital intelectual é progressiva em constante renovação.

Apesar de vários pesquisadores potencializarem opiniões evidenciando a importância em defesa do capital intelectual, na assertiva de Pacheco (2005) Edvinsson e Malone, além de endossar as conclusões da grande maioria dos pesquisadores, reforçam a necessidade da divulgação daquele capital que fica sob a superfície visível dos empreendimentos, o capital intelectual.

E segundo este autor, pelo caminho desta divulgação poderiam ser melhorados os aspectos organizacionais e relacionais da empresa.

7.4 TENDÊNCIAS DO CAPITAL INTELECTUAL

“A ênfase dos relatórios contábeis tem sido o passado, a avaliação objetiva; a ideia do Capital Intelectual é o futuro, ou seja, fatores dinâmicos ocultos que afetam o destino da organização”. (MARION, 2012, p. 380).

Ainda segundo o autor, o capital intelectual, hoje, de uma empresa vai definir seu futuro.

De acordo com Bukowitz e Willians (2002) “o Capital Intelectual pode ser entendido como uma forma de riqueza não-material, que tem o potencial de criar mais valor para a organização”.

Para direcionar alguma tendência aos estudos do capital intelectual, precisa-se interpretar algumas definições de autores renomados.

Conforme Pacheco (2005) gerenciar o capital intelectual requer uma cultura cooperativa, de compartilhamento, muito mais do que aquelas ditadas por muitas teorias tradicionais de administração.

Deste modo, continua o autor:

“Requer não apenas que exista preocupação quanto à apropriação dos saberes importantes para a sobrevivência e competitividade das organizações, mas sobretudo, uma mudança de mentalidade empresarial que valorize os produtos de conhecimento, os propositores de inovação a troca de informações internas e um

maior desenvolvimento das atividades intersubjetivamente integradas. Exige-se, portanto, a adoção de novos elementos paradigmáticos. (LYNN, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p. 56).

Segundo Iudicibus (1998) “entende-se que a contabilidade deva estar participando ativamente deste novo cenário, cumprindo seu papel de acordo com os objetivos pelo qual existe”.

Na concepção de Edvinsson e Malone (1998, p.38) a missão dessa nova função do Capital Intelectual:

[...] incentivar o crescimento e desenvolver o capital intelectual da empresa como um valor visível e permanente que completasse o balanço patrimonial. Ele deveria também forjar um elo entre outras funções da empresa tais como desenvolvimento de negócios, recursos humanos e sistemas informatizados, ele deveria, durante o processo, desenvolver novos instrumentos para avaliação e medição, bem como implementar novos programas para acelerar a disseminação do conhecimento na organização.

Bukowitz e Willians (2002, p. 17) argumentam que a gestão do conhecimento é o processo pelo qual a organização gera riqueza, a partir do seu conhecimento ou capital intelectual. E a riqueza ocorre quando a organização utiliza este conhecimento gerado, para otimizar processos tornando-os mais eficientes e efetivos, e ainda agregando valor aos clientes.

Novas formas de mensuração e avaliação e as limitações do sistema atual de elaboração de relatórios contábeis utilizados pelos mercados de capital e por outros interessados têm motivado pesquisas para encontrar maneiras de mensurar e reportar o capital intelectual das organizações (GUTHRIE, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p.22).

Este interesse ocorre principalmente pela omissão destes dados, os quais representam demasiada relevância nos relatórios contábeis.

E conforme Pacheco (2005) "novos intangíveis tais como o conjunto de competências da equipe, o relacionamento com os clientes e os sistemas computacionais administrativos, não recebem reconhecimento algum no modelo tradicional de relatório financeiro e gerencial".

Diversos relatórios recentes pedem uma melhor divulgação dos intangíveis e o desenvolvimento de novos modelos de relatórios que sejam mais específicos, trazendo

informações sobre o capital intelectual, e demais intangíveis da organização. (BUKH, 2003 *apud* PACHECO, 2005, p. 22).

Consequentemente devido tal relevância, um grande número de organizações, especialmente nórdicas, tem voluntariamente publicado demonstrações de Capital Intelectual (PACHECO, 2005, p. 23).

Essas demonstrações segundo o autor correspondem à evidenciação de esforços e recursos em relação a empregados, clientes, processos e tecnologia, e assim, demonstrando maior transparência que os grandes investidores estão exigindo das organizações para realizarem seus investimentos.

O que se observa é que, efetivamente, se a realidade demonstra que os elementos do capital intelectual das organizações, quando se tornam conhecidos, agregam valor aos seus resultados, a contabilidade deve considerar tais intangíveis como passíveis de se apropriados em termos de seus valores econômicos e desenvolver formas de evidenciá-los (MARTINS, 2001 *apud* PACHECO, 2005, p. 23).

Complementando Edvinsson e Malone (1998) "a divulgação é boa para todos por reduzir o risco - isto é, torna menor o custo do capital para as empresas [...] até mesmo para as empresas de contabilidade e auditoria, podem considerar que os novos sistemas informativos representem uma oportunidade de prestar mais serviços".

Ainda nas palavras de Edvinsson e Malone (1998, p.16):

O relatório anual de capital intelectual da *Skandia* para 1994 foi um marco na história da padronização do modelo de Capital Intelectual. Mas este fato não era o único emergente. A *Dow Chemical* (Dow Química), por exemplo, criou a posição de diretor de ativos intelectuais, que começou a estabelecer um relatório de capital intelectual, para esta empresa. A *Hughes Aircraft* também criou um programa de capital intelectual denominado Estrada do Conhecimento. O *Canadian Imperial Bank of Commerce*, sétimo maior banco da América do Norte, estruturou seu programa de desenvolvimento gerencial em torno do capital intelectual e, então, utilizou aquelas habilidades para instituir um programa de empréstimos destinado a financiar empresas que tivessem como base o conhecimento, utilizando as avaliações do capital intelectual como principal critério. Na Coreia do Sul, a *Posco*, gigante do aço, iniciou seu próprio departamento de capital intelectual.

A partir disto percebe-se a influência que a iniciativa de Leif Edvinsson e sua equipe aplicaram no mercado.

"A *Ernst & Young*, empresa gigante de auditoria, estabeleceu para seus clientes programas e seminários versando sobre Capital Intelectual, denominados "Novos Valores e Mensuração para a Era do Conhecimento" e "A Vantagem do Conhecimento". (EDVINSSON; MALONE, 1998, p. 17).

E ainda conforme Edvinsson e Malone (1998), a *Arthur Andersen* desenvolveu para seus clientes um conjunto de instrumentos para Avaliação do Conhecimento. E além destas, em muitas das grandes corporações, os administradores de marcas e patentes também se voltaram para o Capital Intelectual a fim de obter um refinamento do valor da propriedade intelectual ociosa.

Indubitavelmente um movimento foi iniciado. Sua primeira fase culminou num simpósio sobre Capital Intelectual, realizado em *Washington, D.C.*, patrocinado pela *SEC*. Nesta reunião, seu representante Wallman previu que o Capital Intelectual e, em particular, a decisão de publicar um suplemento específico pela *Skandia*, iriam tornar-se um dia, o núcleo do moderno relatório corporativo anual - ao qual os demonstrativos financeiros da atualidade seriam anexados como apêndice.

Diante destas evoluções, observa-se que em um intervalo de poucos anos houve uma mudança de padrões corporativos, principalmente no que diz respeito a suas divulgações, admitindo-se que houve a evolução deste conceito bem como o reconhecimento de sua importância.

Com isto observa-se que a tendência acerca da contabilização do capital intelectual, demonstração em relatórios gerenciais, suplementares, ou quais sejam, ainda é limitada.

Porém a um grande esforço da classe contábil por meio de trabalhos voltados a este tema, com objetivo de construir um arsenal de teorias sobre o assunto, capaz de enriquecê-lo a fim de obter resultados promissores para o futuro.

De acordo com Edvinsson e Malone (1998) o resultado dos esforços foi um modelo para visualizar e divulgar o Capital Intelectual.

Esse meio de mensuração, nas palavras dos autores Edvinsson e Malone (1998) "O capital intelectual teve como eixo um instrumento de navegação que agiu como um

organizador para os diferentes tipos de investimentos corporativos impregnados de valor e isso ofereceu uma perspectiva mais equilibrada e holística do que os modelos tradicionais".

Para Edvinsson e Malone (1998, p. 17) "está claro que o capital intelectual é uma ideia e sua época chegou. O bom senso está em vias de se materializar".

7.5 OBJETIVOS E PRINCÍPIOS BÁSICOS DO CAPITAL INTELECTUAL

No decorrer de 1992, Edvinsson, que nesta data já havia se tornado Diretor de Capital Intelectual, iniciou os trabalhos, criando os princípios básicos e objetivos do capital intelectual. (EDVINSSON; MALONE, 1998, p. 39):

1. O Capital Intelectual constitui informação suplementar e não subordinada às informações financeiras.
2. O Capital Intelectual é um capital não-financeiro, e representa a lacuna entre o valor de mercado e o valor contábil.
3. O Capital Intelectual é um passivo e não um ativo.

A terceira conclusão foi considerada de extrema importância, visto que o Capital Intelectual deveria ter tratamento idêntico ao patrimônio líquido.

Após esta definição, criou-se um conceito pelo qual consistia o capital intelectual, e o resultado obtido. (EDVINSSON; MALONE, 1998, p. 40):

O Capital Intelectual é a posse de conhecimento, experiência aplicada, tecnologia organizacional, relacionamento com clientes, e habilidades profissionais que proporcionem à *Skandia* uma vantagem competitiva no mercado. Como consequência, o valor do capital intelectual seria a medida pela qual estes ativos intangíveis poderiam ser convertidos em retornos financeiros para a empresa.

A função ou objetivo do capital intelectual é de exibir os valores ocultos das empresas. Pois conforme com Edvinsson e Malone (1998) o objetivo do Capital Intelectual é de registrar o valor real de uma organização. Ou seja, que deve-se complementar ao valor financeiro já conhecido nos balanços tradicionais.

E de acordo com Edvinsson e Malone (1998, p. 43). Existem três pilares que permitem o crescimento de uma organização inteligente:

1. Tecnologia
2. Valores
3. Capital Intelectual

Complementando a assertiva os autores informam sobre a importância dos relatórios de capital intelectual, que também fazem parte de seu objetivo.

Onde aponta-se que, qualquer relatório de capital intelectual deve ser um documento com vida, dinâmico e humano.

Ele não deve conter apenas os indicadores relevantes, mas apresentar igualmente essas medidas de maneira intuitivamente compreensível, aplicável e mesmo comparáveis entre os diversos empreendimentos. (EDVINSSON; MALONE, 1998, p. 35).

Corroborando com isto Antunes (2000) enfatiza que o estudo do capital intelectual tem que ser visto como a procura de maneiras para captar, elucidar, e alavancar de forma sistemática as informações subjetivas, semi-ocultas, que se encontram escondidas nas Notas Explicativas.

Assim a perspectiva é de evidenciar os valores que estão ocultos sobre a superfície da empresa, mensurando e gerenciando estes efeitos.

Antunes (2000, p. 93) argumenta que "em suma, julga-se tratar de um processo de aceitação de conceito e materialização de procedimentos, partindo-se da premissa de que a sociedade mudou, afetando a estrutura das organizações".

Percebe-se então que a sociedade encontra-se na era do conhecimento. Segundo Schmidt e Santos (2002, p. 167) à medida que se aceita o conhecimento como um novo fator de produção, torna-se necessário enfocar os impactos que as mudanças estão ocasionando nas organizações e a dificuldade de mensuração do capital intelectual na contabilidade.

Sendo assim, pode-se perceber uma mudança de paradigmas, apoiada pela opinião de diversos autores a respeito do tema, do qual leva-se em consideração o reconhecimento de que a sociedade situa-se em uma era de conhecimento.

A partir disto, percebe-se que essa evolução econômica afeta de forma relevante a forma com que a riqueza das empresas vinha sendo apresentadas.

Ao considerar tais aspectos, deve-se observar os efeitos decorrentes dos fatores que compõe o capital intelectual e influenciam seu valor de mercado, quais sejam sua capacidade de geração de fluxos futuros de caixa. (SCHMIDT; SANTOS, 2002, p. 179).

E de acordo com Schmidt e Santos (2002), a contabilidade depara com uma dificuldade que representa um grande desafio, o qual precisa por ela ser solucionado, utilizando-se de pesquisa e experiências práticas.

Para Edvinsson e Malone (1998) a ascensão do capital intelectual é inevitável devido às forças históricas e tecnológicas irresistíveis [...] o capital intelectual chegará a dominar a maneira pela qual valorizamos nossas instituições, pois somente ele capta a dinâmica da solidez organizacional da criação de valor.

"Apenas ele reconhece que um empreendimento moderno muda com tal rapidez que passa a depender exclusivamente do talento e da dedicação de seus colaboradores, bem como da qualidade dos instrumentos que eles utilizam". (EDVINSSON; MALONE, 1998, p. 20).

Edvinsson e Malone (1998) afirmam que acima de tudo o Capital Intelectual é inevitável porque somente ele, entre todos os modelos para mensuração do desempenho corporativo, perfura a superfície e expõe o valor real.

O entendimento do capital intelectual como um passivo a ser tratado de maneira idêntica ao Patrimônio Líquido pode, num primeiro momento, causar certo espanto. Entretanto, numa análise um pouco mais atenta à filosofia do capital intelectual, verifica-se ser este o procedimento mais coerente. (ANTUNES, 2000, p. 96).

Concluindo este racional. Conforme demonstrado por Antunes (2000, p. 97):

Em vez de o capital intelectual ser tratado como um item amortizado e reduzindo o Balanço Patrimonial - tratamento dispensado ao Goodwill adquirido -, retrata a idéia de valor corporativo, ao considerá-lo como um empréstimo feito pelos clientes, empregados. Vistos como fonte de capital (recursos).

7.6 PILARES DO CAPITAL INTELECTUAL

Considerados como formas de capital, ou também denominados por Edvinsson e Malone (1998) como sendo, valores ocultos, que adquirem três formas básicas: capital humano, capital estrutural e capital de clientes.

O capital humano é capaz de refletir a criatividade e a inovação da organização, as frequências em que as ideias são geradas, bem como a frequência pela qual as mesmas são implantadas, medindo então a porcentagem de sucesso.

Buscando uma melhor definição Edvinsson e Malone (1998, p. 31), quanto ao Capital Humano: É toda a capacidade, conhecimento, habilidade e experiência individual dos empregados e gerentes, compreende a dinâmica de uma organização inteligente dentro de um ambiente competitivo.

Outro conceito que explora bem o capital humano foi apresentado por Pacheco (2005), sendo o capital humano representado por *know-how*, capacidades, habilidades e especializações dos recursos humanos de uma organização e em outras palavras, o capital humano pode ser visto como o conjunto de habilidades e conhecimentos dos indivíduos dentro de uma organização, e isto pode ser mensurado e divulgado. (Lynn, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p.54).

O capital humano compreende os benefícios que podem ser proporcionados pelos indivíduos às organizações, sendo natural nos dias atuais as entidades dedicarem grandes esforços para a identificação de pessoas com capacitação para interagir na otimização desta relação de causa e efeito. (SCHMIDT; SANTOS, 2002, p. 182).

Quanto à importância Stewart (1998) afirma que o capital humano é importante porque é a fonte de inovação e renovação. O capital humano é o conhecimento, talento e experiência dos empregados da organização, é o que gera riqueza.

Complementando Schmidt e Santos (2002, p. 182) citam que:

O capital intelectual é fruto do intelecto, recurso possuído exclusivamente pelos seres humanos. Portanto, o capital intelectual, abrange o elemento possuidor do recurso do conhecimento (capital humano) e tudo o mais resultante na sua aplicação [...] o capital humano aumenta à medida que a entidade utiliza mais o que as pessoas sabem e quando um maior número de pessoas sabe mais coisas úteis para a organização.

Sendo assim para Schmidt e Santos (2002) o capital humano de uma entidade é composto por indivíduos difíceis de serem substituídos e que desempenham atividade que agrega muito valor para a entidade, ou seja, pessoas cujo talento e experiência criam produtos e serviços que são o motivo pelo qual clientes procuram a entidade.

No que diz respeito ao capital de clientes, alguns autores denominaram como capital relacional ou clientes e fornecedores.

Para Stewart (1998), o capital de clientes é o valor dos relacionamentos de uma empresa com as pessoas com as quais faz negócios, é o valor do relacionamento da empresa com seus clientes e fornecedores.

Toda a empresa com clientes possui capital de clientes, definido por Hubert Saint-Orange como o valor de sua franquia, seus relacionamentos contínuos com pessoas e organizações para as quais vende. Entre as três grandes categorias - capital humano, estrutural e do cliente - os clientes são os mais valiosos. Eles pagam as contas. (STEWART, 1998, p. 128).

Na visão de Pacheco (2005) é identificado como quaisquer das conexões que as pessoas de fora da organização têm com ela, juntamente com a lealdade do consumidor, fatia do mercado, nível de pedidos e etc.

Prosseguindo o autor complementa da seguinte maneira Pacheco (2005, p. 54), diz respeito às conexões de uma organização com mercados melhorados, velocidade e qualidade. Assim, ele pode ser traduzido em medidas de clientes contumazes cuja fidelidade gera vendas costumeiras e reduz os custos de buscar novos clientes.

Ora, pois, a partir deste momento o entendimento começa a ficar mais claro, observa-se que o capital de clientes se constrói com um bom relacionamento com os clientes, no que diz respeito à fidelização dos mesmos, reduzindo a preocupação da empresa quanto a necessidade de buscar novos clientes, correndo os riscos de custos para tal ação.

Quanto aos fornecedores, é muito importante que a empresa que conquiste uma parceria com seus clientes, além de executar um bom relacionamento com seus fornecedores.

Então de acordo com Pacheco (2005), da mesma forma, o cultivo de bons e dedicados fornecedores pode aumentar os esforços *just-in-time*, aumentar a qualidade, acertando da primeira vez, e reforçar a velocidade necessária para atingir suas metas de comercialização.

Segundo o autor esta forma de capital também pode ser mensurada e capitalizada como recursos da organização. (PACHECO, 2005, p. 54).

Com a finalidade de conceituar o capital de clientes, na versão de Schmidt e Santos (2002), o capital de clientes não pode ser construído deixando-se o relacionamento inteiramente nas mãos de um vendedor ou comprador. É necessário que a entidade crie mecanismos que o tornem prioridade da mesma.

Vale ressaltar segundo os autores, que todas as entidades devem reanalisar à cadeia de valor do setor no qual atua, a fim de verificar as informações relevantes. Essas informações encontram-se próximas aos clientes. (SCHMIDT E SANTOS, 2002, p. 183).

Segundo Edvinsson e Malone (1998), é no relacionamento com clientes que o fluxo de caixa se inicia. Medir tal solidez e lealdade é o desafio para a categoria do capital de clientes.

Seus índices incluem medidas de satisfação, longevidade, sensibilidade a preços e até mesmo o bem-estar financeiro dos clientes de longa data. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 33).

Pacheco (2005) comenta sobre o terceiro capital que contempla esta estrutura. Denominado por capital organizacional ou estrutural, este é responsável pela abrangência dos elementos restantes do capital intelectual, incluindo sistemas de informações e valores.

Segundo o autor, juntamente com estes elementos, soma-se as propriedades intelectuais, tais como patentes, *copyright*, marcas entre outros. (PACHECO, 2005, p. 55).

De maneira mais ampla o autor aponta que:

O capital organizacional (estrutural) é a espinha dorsal da própria empresa, que envolve sua capacidade organizacional, incluindo seu planejamento administrativo e sistemas de controles, processos, redes funcionais, políticas e até mesmo sua cultura, ou seja, tudo o que auxilia uma empresa a gerar valor [...] em alguns casos, o método de gestão do capital intelectual, permite formar a base para um sistema especializado no qual a tecnologia e a inovação podem ser elementos capacitadores dos empregados e da empresa, o que torna o processo geral mais acessível para outros. Converter uma habilidade no capital organizacional ilustra o potencial dinâmico de se utilizar o capital intelectual. (PACHECO, 2005, p. 55).

"Em resumo, a apropriação do capital intelectual pode ser interpretada como um meio de capturar o conhecimento implícito do indivíduo (saberes) e torná-lo explícito na estrutura organizacional, tornando-o conhecimento socializado". (LYNN, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p. 55).

De acordo com Schmidt e Santos (2002) o capital estrutural é a transformação do conhecimento dos indivíduos em um ativo da entidade, por meio de melhoria contínua e do compartilhamento da criatividade e da experiência.

Estes, por sua vez, devem ser estruturados e acondicionados com o auxílio da tecnologia da informação e das telecomunicações, banco de dados, descrição de processos e manualizações, a fim de reter na entidade o conhecimento dos indivíduos. (SCHMIDT E SANTOS, 2002, p. 183).

Ainda segundo Schmidt e Santos (2002), dessa forma, obtêm maior agilidade na distribuição do conhecimento, evitando-se o retrabalho, aumenta-se o conhecimento coletivo, reduz-se o tempo de espera e aumenta-se a produtividade dos indivíduos.

Além disso, a criação de um banco de dados do conhecimento auxilia a entidade a operar em um ambiente global, e a lidar com o crescimento e a rotatividade de pessoal, além de facilitar o acesso, ao conhecimento por parte de seus pares. (SCHMIDT E SANTOS, 2002, p. 183).

Na concepção de Edvinsson e Malone (1998), o capital estrutural inclui fatores como a qualidade e o alcance dos sistemas informatizados, a imagem da empresa, os bancos de dados exatos, os conceitos organizacionais e a documentação.

O capital estrutural pode ser melhor descrito como o arcabouço, o *empowerment*, e a infra-estrutura que apoiam o capital humano. Ele é também a capacidade organizacional, incluindo os sistemas físicos utilizados para transmitir e armazenar conhecimento intelectual. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 32).

Nota-se então que o capital estrutural serve primordialmente de suporte para que o capital humano seja identificado, ou apoiado.

O capital organizacional abrange o investimento da empresa em sistemas, instrumentos e filosofia operacional que agilizam o fluxo de conhecimento pela organização, bem como em direção a áreas externas, como aquelas, voltadas para os canais de suprimento e distribuição. Trate-se da competência sistematizada, organizada e codificada da organização e também dos sistemas que alavancam aquela competência. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 32).

Stewart (1998, p. 98) define o capital estrutural da seguinte maneira: "pertence à empresa como um todo. Pode ser reproduzido e dividido. Parte do que pertence à categoria de capital estrutural tem direito aos direitos legais de propriedade [...]. Parte dele é ciência de vanguarda, mas apenas parte". Portanto é a estrutura que dá suporte ao desenvolvimento dos outros capitais para criação de riqueza.

Na ilustração a seguir verifica-se que o capital intelectual é composto pelos pilares que o complementam.



Figura 03: Estrutura do capital intelectual.

Fonte: Bontis (1998, p. 66).

Sendo assim conforme Stewart (1998) o capital intelectual é formado pelo capital humano, estrutural e de clientes, porém não é criado por partes distintas e sim do intercâmbio entre eles. Ele pode ser encontrado em três lugares: nas pessoas, nas estruturas e nos clientes.

Diante do exposto, buscou-se no decorrer deste capítulo, basear-se fundamentalmente do trabalho publicado por Edvinsson e Malone, bem como outros autores que corroboram estes entendimentos.

Pois este trabalho foi o primeiro relatório a ser divulgado por um grupo contendo dados sobre a avaliação, objetivos e funções do Capital Intelectual, servindo assim como embasamento para diversos autores e inspiração para esta monografia.

7.7 LIMITAÇÕES CONTÁBEIS ACERCA DO CAPITAL INTELECTUAL

Para Pacheco (2005) "Os princípios contábeis geralmente aceitos e praticados pelo mercado foram desenvolvidos para a padronização dos métodos contábeis visando à mensuração do lucro e a apresentação de informações sobre a situação financeira das empresas".

Ao longo do tempo, estes princípios vêm apresentando grandes aprimoramentos, mas ainda não asseguram completa uniformidade e consistência entre as demonstrações financeiras das empresas. (TRACY, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p. 99).

Pacheco (2005) aduz que "neste sentido, as atuais normas contábeis sobre a divulgação de informações permitem que a empresa não revele situações de interesse interno, que provavelmente, também seriam importantes para credores e investidores externos".

No entanto, se por um lado este procedimento resguarda as empresas de eventuais problemas advindos da disponibilidade de informações, por outro ele também pode ter o seu lado negativo, na medida em que, não raras vezes, impede que a empresa seja beneficiária de melhores atenções do mercado em geral. (PACHECO, 2005, p. 100).

E de acordo com Pacheco (2005), tem havido mudanças substanciais no tipo de informação e de usuários destas informações nas últimas décadas.

Surgiu uma vasta literatura acerca do significado e importância da divulgação da divulgação dos conhecimentos contábeis com valor econômico no âmbito das empresas, e uma parte destes versa sobre o capital intelectual. (PACHECO, 2005, p. 100).

Tendo em vista que este é um fator de produção que atualmente excede em muito a importância de fatores tradicionais de produção, como trabalho e capital, e que informações relativas aos valores destas formas de conhecimento são constantemente requeridas. (PACHECO, 2005, p. 101).

A Contabilidade, por sua vez, objetiva, também, mensurar o real valor da empresa, a fim de satisfazer eficazmente a necessidade de informações de seus inúmeros usuários, sejam ela de natureza quantitativa, sejam de natureza qualitativa. (ANTUNES, 2000, p. 131).

Neste sentido, novas questões devem ser levantadas, debatidas e desenvolvidas. Pois de acordo com Antunes (2000) "o conceito de mensuração do capital intelectual apresentado, busca contemplar esse mecanismo de captar, avaliar e gerenciar os conhecimentos adquiridos na busca de novos conhecimentos, que produzirão benefícios a médio e longo prazos para as organizações".

As demonstrações financeiras são a referência básica e o paradigma de qualquer empresa, e o objetivo principal dessas seria apresentar as realizações da empresa em relação a cada um dos imperativos financeiros fundamentais de qualquer negócio. (PACHECO, 2005, p. 100).

No entanto, as normas de contabilidade a fim de proteger os usuários internos e externos, permitem o que segundo Pacheco (2005) seja, "no âmbito de muitas empresas, dados e informações que os administradores não desejariam que viesse a público ou que, em termos estratégicos, seriam importantes que fossem resguardadas".

Dessa forma, pode não haver uma norma concreta que permita a manifestação do capital intelectual nas demonstrações financeiras-contábeis, porém isto não altera a finalidade básica da contabilidade.

A função da contabilidade tem permanecido inalterada desde seus primórdios, ou seja, sua finalidade básica é prover os usuários dos demonstrativos financeiros com informações que os ajudarão a tomar decisões. (IUDÍCIBUS, 2000, *apud* PACHECO, 2005, p. 100).

Porém deve-se reconhecer que a Contabilidade atual apresenta falhas.

A falha na área contábil em se adaptar a um mundo em transformação não está passando despercebida para os contabilistas, para os pesquisadores e para o mercado. E isto implica que um conjunto de atenções seja exigido no sentido de busca de ferramentas apropriadas para lidar com os novos problemas. (PACHECO, 2005, p. 76).

Porém afirma-se que a contabilidade possui um ramo denominado gerencial, que visa informar um instrumento que reporte as informações necessárias e úteis em qualquer processo decisório que ocorra em âmbito empresarial e onde quer que elas possam ser utilizadas. (KAPLAN; NORTON, 1997 *apud* PACHECO, 2005, p. 76).

Na realidade, vários modelos de contabilidade já foram desenvolvidos para informar aos administradores e acionistas da companhia sobre o valor contábil das ações e identificar fluxos de valores. E a maioria destes é quantificada e sujeita a princípios e práticas contábeis geralmente aceitas (*Generally Accepted Accounting Principles - GAAP*). (PACHECO, 2005, p. 77).

Para Pacheco (2005) isto se dá em função de o capital intelectual estar se tornando rapidamente, o alvo central da economia moderna.

Esforços neste sentido são passíveis de serem desenvolvidos pelas entidades de classe, através da criação de grupos de trabalho, financiamentos de pesquisas, apoio institucional, e transformados em normas. (PACHECO, 2005, p. 78).

Tais relatórios (ou demonstrações) devem ser formados por circunstâncias atuais e, acima de tudo, devem ser relevantes para aqueles cujas experiências eles buscam representar, principalmente para os que demandam informações qualificadas para melhorar suas decisões e processos de gestão. (DZINKOWSKI, 2000 *apud* PACHECO, 2005, p. 78).

Portanto a contabilidade está se adaptando aos poucos, bem como seus usuários, para entender e fornecer a outros interessados os relatórios gerenciais capazes de informar sobre o capital intelectual, uma realidade para as empresas atuais, em foram de contribuição, este estudo monográfico visa contribuir com um estudo de caso aprofundado nas filosofias ensinadas por Edvinsson e Malone na obra *Capital Intelectual*. (PACHECO, 2005, p. 77).

7.8 ABRANGÊNCIA DO ESTUDO

Visualizing Intellectual Capital foi o primeiro relatório anual dirigido ao público. Segundo Edvinsson e Malone (1998) "todas as peças encontravam-se em seu devido lugar. Após testes internos na *Skandia AFS*, chegara à época de um verdadeiro teste: um relatório de capital intelectual completo para a *Skandia* como um grupo dirigido ao público.

Foi neste ponto que surgiu o chamado Navegador *Skandia*, a partir de uma matriz de necessidades, incluindo o desejo de juntar as seis áreas de foco do capital intelectual, mostrar como interagem e localizá-las no eixo do tempo da vida operacional da empresa. (EDVINSSON; MALONE, 1998, p. 53).

Este Navegador foi amplamente desmistificado, e introduziu-se os dados da empresa estudo de caso, conforme orientado na obra de Edvinsson e Malone - *Capital Intelectual*.

A mensuração do capital intelectual é uma ideia revolucionária e, como a maioria das revoluções, se recusará a permanecer dentro dos limites que foram estabelecidos para ela. (EDVINSSON E MALONE, 1998, p. 161).

Logo chamou atenção para um aprofundado cálculo de mensuração de seu capital intelectual.

Em análise a um artigo publicado no jornal Gazeta do Povo⁴, em meados de 2011, denota-se como uma empresa enxerga a importância de agregar ao seu valor contábil o capital intelectual extraído dos seus colaboradores:

Uma empresa, ao realizar suas atividades, conta com suporte financeiro, pessoal e intelectual. O terceiro ponto pode ser adequado às necessidades, quando a empresa reconhece a importância de investir no seu capital intelectual, ou seja, no conhecimento e capacidade técnica de seus funcionários. Isso significa investir em bolsas de estudos e cursos de aperfeiçoamento que ampliem o conhecimento daqueles profissionais que já fazem parte do organograma da empresa. Essa é uma excelente forma de reter talentos, ainda mais hoje num momento em que o mercado de trabalho passa por uma escassez tão grande de mão de obra qualificada.

Não é de hoje que muitas empresas vêm investindo na ampliação de conhecimento de seus colaboradores. Isso se deve ao fato da maioria dos empresários e gestores já terem tomado consciência dos inúmeros benefícios em conceder aos seus talentos subsídios para que continuem estudando e aperfeiçoando seus conhecimentos.

O capital humano é tudo aquilo que a empresa oferece com a finalidade de angariar o capital intelectual, o que traz benefício para ambas às partes, já que a empresa oferece além do salário, benefícios e plano de carreira.

E em troca o aperfeiçoamento e comprometimento dos profissionais, a fim de que atendam às necessidades e expectativas da empresa, em outras palavras, que tragam retorno no que se espera.

Para que a empresa chegue ao sucesso, possua reconhecimento, e mesmo agregue valor ao seu patrimônio, é necessário que o capital humano interaja também com o capital estrutural e ainda com o capital dos clientes.

Quanto ao aspecto contábil, este trabalho tem apenas caráter gerencial, podendo ser descrito como fornecedor de informações, pois conforme Pacheco (2005), a comunidade contábil internacional, apoiada pelo *International Federation of Accountants* (IFAC), incentiva o esforço crescente para compreender as complexidades do gerenciamento do capital intelectual.

⁴ <http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1094587>. Acesso 09 outubro 2014.

E, além disto, incluí-lo nas demonstrações contábeis em relatórios gerenciais, pois ainda há a necessidade de desenvolver práticas contábeis aceitas que permitam com confiabilidade estas divulgações.

Contudo, a contabilidade gerencial é uma ferramenta de ótimo auxílio, conforme observa Pacheco (2005), "a contabilidade gerencial está relacionada ao controle e é sua função fornecer as informações para diferentes necessidades e/ou tarefas específicas".

Desta forma, receitas por melhoria nas informações disponíveis sobre intangíveis são necessárias de ser produzidas e compreendidas pelos provedores de informação: gerentes, contadores, *controller's*, auditores e analistas financeiros. (PACHECO, 2005, p. 150).

Haja vista que, tradicionalmente, seus enfoques são voltados para os itens tangíveis.

E ainda que alguns não gostem de admitir, enquanto o conservadorismo continuar sendo um conceito fundamental para a contabilidade societária torna-se cada vez mais importante identificar métricas confiáveis de desempenho daqueles fatores ainda considerados "invisíveis". (PFEIL, 2003, *apud* PACHECO, 2005, p. 150).

8 ASPECTOS CONCLUSIVOS DO ESTUDO

Salienta-se, que este presente trabalho acadêmico possui cunho experimental, em uma tentativa de identificar e explicar os conceitos e tendências do capital intelectual de uma empresa. Portanto, admite-se que esta monografia carece de continuidade e aperfeiçoamento, este primeiro passo, serviu como uma ótima experiência de explanar um assunto pouco debatido atualmente.

Muitos autores tendem a conceituar o capital intelectual como um ativo intangível, este conceito não foi utilizado diante deste estudo, pois os critérios estabelecidos pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis, não foram suficientemente preenchidos para conceituá-lo como um ativo.

A proposta conceitual então passou a ser a utilizada na metodologia empregada pelo Grupo *Skandia*, pioneiro no registro do capital intelectual como relatório suporte as suas publicações anuais em diversas oportunidades.

A metodologia apresentada pelos autores Edvinsson e Malone (1998) aduz que o capital intelectual é valor intangível considerado como um passivo, com tratamento semelhante ao patrimônio líquido, e ao método de contabilização do *goodwill*, o conceito de *goodwill* foi pouco explorado para respeitar a delimitação do tema desta monografia.

Verifica-se que diante do modelo apresentado, as medições do capital intelectual, referem-se a indicadores não financeiros que conduzem a resultados financeiros. Apresentados em um modelo dinâmico e contínuo em que por melhor que haja a identificação de todos os parâmetros não há garantia de bons resultados. Assim sendo, a medida do capital intelectual apresenta-se, como um número que venha a complementar o balanço patrimonial, de forma objetiva, porém na prática observa-se que diante da natureza de diversos indicadores, existe um enorme grau de subjetividade.

O que conduz a uma necessidade de contínuo gerenciamento dos componentes que integram o capital intelectual, isso significa dizer que a empresa deva prosseguir com uma constante alimentação e renovação de seus componentes, tendo sempre em consideração que qualquer mudança interna ou externa da organização irá afetar os dados que compõe o cálculo de seu capital intelectual.

9 O ALCANCE DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

9.1 ATINGIMENTO DA QUESTÃO DA PESQUISA

Com finalidade de atingir o objetivo principal desta pesquisa monográfica, responder a questão que originou este estudo torna-se imprescindível para conclusão dos pensamentos aqui expostos.

Esta etapa irá explorar uma revisão dos conceitos dos principais autores utilizados neste trabalho monográfico, para conceituar o capital intelectual.

Por ser um tema que apresenta amplo interesse, e não apenas para as empresas de modo estrito, vários pesquisadores desenvolveram estudos, abrangendo facetas diversas dessa problemática. (PACHECO, 2005, p. 29).

Na concepção de Edvinsson e Malone (1998), “O Capital Intelectual é a posse do conhecimento, experiência aplicada, tecnologia aplicada organizacional, relacionamento com clientes e habilidades profissionais”.

E de acordo com Stewart (1998), capital intelectual é o conjunto de ativos intangíveis composto por diversos fatores, tais como: qualidade e coerência do relacionamento entre empresa – clientes e fornecedores – talentos, ideias e *insights* apresentados por todos os envolvidos no contexto organizacional, entre outros”.

E ainda conforme apontado por Stewart (1998, p. XIII) “o capital intelectual constitui a matéria intelectual – conhecimento, informação, propriedade intelectual, experiência – que pode ser utilizada para gerar riqueza”.

Para Paiva (1999) “o conhecimento passou a representar um importante diferencial competitivo, para as empresas que sabem adquiri-lo, mantê-lo e utilizá-lo de forma eficiente e eficaz. Esse conhecimento passou a gerar o Capital Intelectual que, às vezes, é bem mais importante que o Capital Econômico”.

Percebe-se que os conceitos que definem o Capital Intelectual, quase em sua maioria citam o conhecimento como fator fundamental para clarificar a explicação.

Para Pacheco (2005) “Um dos aspectos que se pode concluir deste fato é que, a proporção, que existe uma demanda crescente por produtos e serviços baseados em conhecimento, altera-se a própria estrutura da economia global, e o papel do conhecimento na busca de vantagem competitiva torna-se uma questão gerencial importante em todos os setores, áreas e meios de gestão das empresas”.

A propósito observa-se uma parcela crescente da atividade econômica atual consiste na troca de conhecimentos, informações, e serviços, e percebe-se que a lucratividade corporativa é impulsionada muito pelas capacidades organizacionais, pelas possibilidades de produção e de geração de novas ideias inovadoras, ou seja, pela conjugação de fatores intangíveis do que pelo controle sobre recursos físicos. (GRANSTRAND, 1999 *apud* PACHECO, 2005, p. 30).

Portanto, o capital intelectual, abrangeria desse modo, os ativos intangíveis que apresentassem possibilidades de oferecer alguma forma de lucro futuro, e somente seriam considerados se, de fato, isto representasse algum valor econômico. PACHECO (2005, p. 36).

9.2 ATINGIMENTO DO OBJETIVO ESPECÍFICO E OBJETIVOS GERAIS

O objetivo geral e os específicos deste trabalho monográfico foram alcançados através do estudo do tema onde foi possível identificar os componentes do capital intelectual, obtendo de acordo com a literatura utilizada, os dados correspondentes ao conhecimento da organização.

Houve a realização de pesquisa bibliográfica, a qual fundamentou os conceitos e características do capital intelectual, desdobrou-se sobre sua importância e representatividade na era econômica atual, e o qual importante se tornou este intangível para as empresas.

Os resultados corresponderam às expectativas e esta monografia conclui com êxito o problema formulado. O problema de pesquisa foi definido como uma indagação sobre quais as principais definições teóricas para conceituar o capital intelectual.

O primeiro objetivo específico constituiu conceituar o capital intelectual, o que possibilitou a versão de diversos autores a respeito do conceito do objeto de estudo deste trabalho.

Bem como o segundo objetivo específico, a respeito da identificação dos componentes do capital intelectual, onde observou-se os principais elementos que o compõe e suas principais definições e características.

Quanto ao terceiro objetivo específico, referente as tendências que se imaginam concernentes ao capital intelectual, e sua importância para a classe contábil bem como seus interessados.

O quarto objetivo específico constituiu em aprofundar-se nos objetivos básicos e princípios que envolvem o capital intelectual.

9.3 LIMITAÇÕES OBSERVADAS NO DECORRER DO ESTUDO

Este trabalho sofreu diversas limitações, observou-se dificuldades em identificar e encontrar diversas bibliografias acerca do capital intelectual, esta limitação foi observada por Antunes (2000) em sua obra *Capital Intelectual* e perpetuou no presente trabalho.

Apesar do esforço pioneiro do Grupo *Skandia*, no sentido de desmistificar o capital intelectual das organizações, através de um modelo de Navegador capaz de mensurar e captar esse valor intangível. Percebeu-se que este eficiente instrumento gerencial, pode explicar parte da diferença entre o valor contábil e o valor de mercado de uma entidade, mas não explica a diferença em sua totalidade.

A carência de estudos e trabalhos sobre o capital intelectual em um âmbito mais atual, relacionado com o envolvimento da Contabilidade diante deste tema, dificultou um maior aprofundamento no assunto, principalmente em relação à opinião de outros contadores e seus diversos pontos de vista a respeito deste valor intangível das organizações.

Outra limitação percebida foi a respeito da dimensão do estudo, pois percebe-se que o capital intelectual é um mecanismo muito sensível de cada entidade, pode-se utilizar os mesmos conceitos para afirmar que exista em todas as esferas empresariais, mas a partir do momento que se der o passo de começar a mensurá-lo, tal como o exemplo utilizado nesta monografia, percebe-se que não existe ainda um modelo padrão que possa servir e atender aos que desejem realizar este aprofundamento.

É importante que haja novos estudos e que além do aspecto conceitual existam estudos de casos, e que hajam modelos semelhantes que consigam avaliar e mensurar o capital intelectual das empresas, de diversos segmentos, até para que haja comparabilidade, e que possam haver novos conceitos a respeito deste tema.

Recordando que este trabalho seguiu suas limitações sendo um estudo conceitual, porém entende-se que um trabalho prático desenvolveria e ampliaria melhor o entendimento dos conceitos, pilares e tendências do capital intelectual.

Finalmente, ressalta-se que este trabalho acadêmico possa contribuir a realização de descobertas futuras engajadas em desmistificar o capital intelectual das organizações, apesar de sua complexidade.

9.4 CONCLUSÃO

Não se pode afirmar bem ao certo se, pela falta de obrigatoriedade, ou talvez por competitividade, as empresas não reportam dados a respeito de seu capital intelectual, mesmo que de maneira gerencial, abordando seus conceitos utilizados, suas ferramentas e qual impacto deste fator em suas companhias, seria um dado muito interessante de se analisar, pois ao explorar os conceitos abordados nesta monografia, percebe-se que as entidades possuem Capital Intelectual, mesmo que pareça ser imperceptível.

Sabe-se que não existe nenhuma legislação que aplique o capital intelectual nas demonstrações contábeis, a não ser como relatório gerencial publicado como suplemento aos dados, e para tanto as empresas precisariam mensurar e avaliar este agente intangível.

Acredita-se que realmente exista o capital intelectual nas organizações, e que ele possa ser composto pelos componentes explorados neste trabalho, mas trata-se de um dado um tanto quanto subjetivo, difícil de ser mensurado com exatidão, o que trazem incertezas quanto a sua necessidade de contabilização.

Atualmente a Contabilidade apresenta de certa forma o valor mínimo de uma empresa, pois ainda há muita complexidade em compreender e gerenciar os valores intangíveis que complementam o valor patrimonial para após isso haver o desenvolvimento das práticas necessárias para divulgação nos relatórios contábeis.

Neste sentido, é necessário que haja maior variedade de modelos de abrangência capital intelectual. E que as empresas passem a estudar melhor este componente, devido sua importância. Por mais difícil que seja gerenciá-lo o capital intelectual existe e tem um papel significativo na criação de vantagem competitiva.

Talvez ao longo do tempo, desapareçam as incertezas quanto ao que ainda falta para se conhecer sobre o capital intelectual, e ele possa fazer parte integrante dos relatórios contábeis, complementando o balanço patrimonial e as demais demonstrações.

9.5 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Esta experiência não foi dada como concluída, espera-se que este trabalho acadêmico possa inspirar outros pesquisadores a proceder com a continuidade deste tema tão importante para a classe contábil, a fim de tornar o capital intelectual, algo controlável e mensurado dentro das entidades, pela certeza de sua existência e sua influência no valor patrimonial das empresas.

Admite-se que o trabalho carece de mais fontes bibliográficas, porém, talvez possa vir a contribuir para despertar esta tendência, mas ainda a muito a ser melhorado.

Sugere-se que existam novas pesquisas voltadas para este tema, que ele possa ser enriquecido em sua plenitude como tantos outros temas que a Contabilidade aborda, que haja interesse e estímulo da classe contábil na busca de soluções nos aspectos que envolvam os profissionais de contabilidade.

Que novos pesquisadores possam realizar trabalhos abordando outras fontes de pesquisa sobre o capital intelectual, com objetivo de propor novas ferramentas que possam exercer a função de transpor este elemento interessante, que contribui no crescimento das empresas que o gerenciam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Maria Thereza Pompa. **Capital Intelectual**. São Paulo: Atlas, 2000.

BUKOWITZ, W.R.; WILLIAMS, R.L. **Manual de Gestão do Conhecimento: ferramentas e técnicas que criam valor para a empresa**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2002.

CASSAPO, Filipe M. **O empresário**. Revista da Associação Comercial Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha. ACI/A casa do Empresário. Ano 8, janeiro/fevereiro, n. 36, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Princípios Fundamentais de Contabilidade**. Resolução CFC nº 750/93.

_____. Apêndice à resolução sobre os **Princípios Fundamentais de Contabilidade** - Resolução CFC nº 774/1994.

EDVINSSON, Leif; MALONE, Michael S. **Capital intelectual: descobrindo o valor real de sua empresa pela identificação de seus valores internos**. São Paulo: Makron Books, 1998.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

Forbes.com LLC™ - Information for the world. **Maiores empresas do mundo 2014**, Acesso em 12/11/2015.

FIPECAFI. Manual de **Contabilidade Societária aplicável a todas as sociedades de acordo com as normas internacionais e do CPC**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FIPECAFI. Manual de **Contabilidade Societária aplicável a todas as sociedades de acordo com as normas internacionais e do CPC**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1997.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1997.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2004

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Capital intelectual: A Nova Vantagem competitiva**. Disponível em <http://www.gestiopolis.com/recursos3/docs/ger/capintel.htm>. Acesso em 12/11/2015.

OLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio a Língua Portuguesa**. 2.ed. Edição revisada. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1980

PACHECO, Vicente. **Mensuração e divulgação do capital intelectual nas demonstrações contábeis: Teoria e Empiria**. 21ª ed. Curitiba: Conselho Regional de Contabilidade do Paraná, 2005.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Aspectos da gestão econômica do capital humano**. Revista de Contabilidade do Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo. São Paulo – SP: ano IV, nº 14, p.4-20, dez/2000.

PAIVA, Simone Bastos. **O capital intelectual e a contabilidade: o grande desafio no alvorecer do 3º milênio**. Revista Brasileira de Contabilidade. Brasília – DF: ano 28, nº 117, p.76-82, mai/jun.1999.

SÁ, A. L. de. **Ativo intangível e potencialidades dos capitais**. Revista de Contabilidade – CRCSP. São Paulo, ano IV, n. 13, p.38-47, setembro de 2000.

SÁ, A. L. de. **Os valores intangíveis da riqueza patrimonial e a contabilidade do intelectual**, 2002.

SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. **Avaliação de ativos intangíveis**. São Paul: Atlas, 2002.

SCHNORRENBERGER, Darci. **O Alvorecer do capital intelectual**. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília: Ano XXXII, nº 139, p.21-31, jan./fev.2003.

STEWART, Thomas A - **Capital Intelectual**, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1998.

STEWART, Tomas A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SVEIBY, K. E. **“The Know How Company”**: gerenciamento de ativos intangíveis das organizações. 1986.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônio de conhecimento**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.